

— COMO USAR UM —
PÊNDULO
PARA RADIESTESIA E DIVINAÇÃO

INCLUI UM
PÊNDULO GRÁTIS



Responda a perguntas, encontre objetos perdidos, restabeleça o corpo, cure a mente e muito mais!

nascente

**Ronald L. Bonewitz
Lilian Verner-Bonds**

CONTEÚDOS

PREFÁCIO 6

Introdução

O PODER DO PÊNDBULO 7

1

UM POUCO DE HISTÓRIA 9

2

APRENDA A UTILIZAR O PÊNDBULO 22

3

SINTONIZE-SE COM O SEU PÊNDBULO 63

4

INTRODUÇÃO AOS DIAGRAMAS CROMÁTICOS 75

5

UTILIZE OS DIAGRAMAS CROMÁTICOS 84

6

CURE COM O PÊNDBULO 128

7

FAÇA RADIESTESIA COM O PÊNDBULO 137

Anexo

LEITURAS PROFISSIONAIS COM O PÊNDBULO 157

Os Autores 160

PREFÁCIO

Este livro pretende ensiná-lo a fazer excelentes leituras com o pêndulo. Afinal, qualquer pessoa pode estender a mão com a palma voltada para cima, suspender o pêndulo acima dela, fazer uma pergunta e esperar que o pêndulo dê uma resposta. Invariavelmente, nada acontece. Existe intenção, mas falta a técnica. O pêndulo pode ou não entrar em ação.

A partir de agora, pode conhecer as noções básicas desta arte que lhe pode trazer inúmeros benefícios a que, de outra forma, não teria acesso. Leia e estude este livro, e constate o que o seu pêndulo pode fazer por si.

Não é costume ouvir falar de consultores de pêndulo famosos, apenas sabemos que algumas pessoas sabem trabalhar com o pêndulo. Este livro foi concebido para esclarecer acerca desse trabalho. A fim de facilitar a leitura, inventámos uma nova palavra para designar a pessoa que trabalha com o pêndulo: pendulista.

Concedamos a esta ferramenta mágica, que abrange o Céu e a Terra, o estatuto que ela merece, reconhecendo-lhe a magnificência.

Boa sorte — e boas oscilações!

Ron e Lilian



O PODER DO PÊNDULO

Todos podemos aprender a utilizar um pêndulo. O objetivo deste livro é provê-lo da capacidade para o fazer no seu potencial máximo. O pêndulo funciona como uma antena que nos sintoniza com a nossa intuição e nos permite detetar as energias e vibrações que as pessoas emitem ou que estão associadas a determinados objetos e locais.

A utilização do pêndulo surgiu da arte da divinação, em que um radiestesista segura num ramo bifurcado com as duas mãos, apontando a terceira extremidade (a «antena») para a frente, de modo que esta possa ser puxada para baixo, por uma força natural mística, e, assim, detetar água, minerais ou objetos escondidos no subsolo.

O advento dos pêndulos dos tempos modernos

O ritual da radiestesia com o pêndulo foi instituído no século XX para ser realizado em espaços fechados e tornou-se conhecido como a «força pendular», em que se exerce um poder natural invisível, com o pêndulo a funcionar como manifestação mais sofisticada das forças invisíveis. Os primeiros pêndulos de que se tem registo eram feitos de madeira, com uma extremidade aguçada, e de raiz de lírio, que se acreditava estar fortemente ligada aos espíritos telúricos. O peso do pêndulo ficava suspenso numa corrente fina ou num fio, para poder oscilar livremente. Também se utilizavam muitas outras madeiras consideradas mágicas, especialmente freixo e aveleira, para fazer pêndulos, mas as pessoas mais simples do campo só utilizavam um botão redondo.

Os pêndulos modernos ainda podem ser feitos de diferentes tipos de madeira, mas já são diferentes, podendo incorporar cristais, latão, bronze, prata ou ouro. Todos podem ser utilizados para refletir as forças ocultas.

O seu pêndulo

O pêndulo que deve escolher para começar a trabalhar é o pêndulo de metal dourado que vem com este conjunto. Poderá muito bem escolher este e nunca utilizar outro. Se esta for a primeira vez que vai trabalhar com um pêndulo, é possível que se apegue a ele; é perfeitamente normal criarmos laços especiais com as coisas que utilizamos pela primeira vez na vida. Se, no entanto, decidir explorar outros tipos de pêndulos, à medida que o seu trabalho for progredindo, encontra vários conselhos sobre as diversas opções mais à frente.

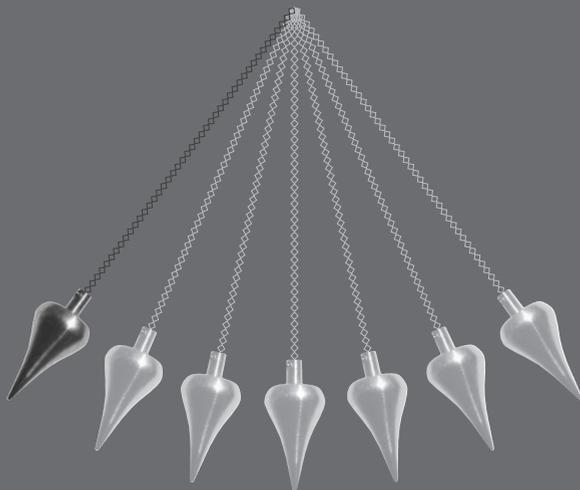
Acerca deste conjunto

Este conjunto contém tudo o que precisa para começar e orienta-o em todas as etapas do processo que o habilitará a fazer leituras, não só para si próprio, mas também para as outras pessoas (se assim quiser). O livro apresenta variados exercícios práticos, orientações e conselhos, incluindo técnicas fáceis de seguir, para unir o lado esquerdo e o lado direito do cérebro, a fim de equilibrar o seu sistema (conhecido como polaridade) para aperfeiçoar as suas capacidades.

Faça os exercícios simples que descrevemos para aprender a interpretar os movimentos do pêndulo e para determinar as suas respostas afirmativas e negativas. Depois, já poderá começar a ver o que é capaz de fazer: O Procedimento da Radiestesia Clássica (descrito na Parte 2) é a sua rampa de lançamento para o mundo da «penduloaria», que o habilita a experimentar uma vasta gama de aplicações, enquanto estuda o livro. Responda a qualquer pergunta, tome decisões, preveja acontecimentos, identifique o seu parceiro ou emprego perfeitos, encontre objetos perdidos, descubra tesouros escondidos ou vestígios arqueológicos, detete água, aprenda a ler mapas com a radiestesia, melhore a saúde, explore a sua personalidade, equilibre os chakras... e muito mais! O desdobrável com diagramas de radiestesia incluído na caixa confere uma outra dimensão ao seu trabalho com o pêndulo — ficará realmente espantado com os resultados. Encontra também orientações sobre como adquirir e aperfeiçoar as suas técnicas para aprofundar os seus conhecimentos e a sua sabedoria, caso deseje fazer um trabalho mais avançado.

Vamos lá começar:





UM POUCO DE HISTÓRIA

*A história fascinante por detrás do seu pêndulo
e uma introdução à sua utilização na divinação.*

O AUGÚRIO

A crença de que podemos ver o futuro é tão velha como a própria humanidade. Sempre nos sentimos cativados pelo amanhã e o que ele nos reserva; os eventos futuros podem ser — e até já foram — previstos. Sempre existiram rituais, métodos e técnicas para abrir o espaço «universal», cujas raízes intermináveis se estendem pelo tempo.

Toda a gente procura ter sorte no futuro, incluindo os ateus! Seja qual for a religião, o credo ou a crença que tenhamos, todos homenageamos a mais furtiva das divindades: a Sorte. A personificação dessa entidade a que chamamos Sorte é a encarnação da deusa romana Fortuna, que definia e controlava o destino dos seres humanos. Considerava-se que estabelecia a ponte entre as expectativas humanas e o domínio dos deuses. É dela que deriva a Roda da Fortuna: tudo está bem quando estamos no topo; quando estamos na base, só podemos subir!



Mas até a Fortuna, com os seus dois mil anos, é a nova deusa na montanha. Muitos dos métodos de divinação que conhecemos têm milhares de anos. Ao longo da história, todas as culturas desenvolveram o seu próprio conceito de revelação da fortuna e encontraram as suas próprias formas de a utilizar para atrair a sorte e evitar o azar.

A tradição romana

As pessoas que atualmente utilizam o pêndulo são descendentes diretos do antigo sacerdote e oficial romano áugure. A sua função era praticar o augúrio, interpretando a vontade dos deuses, pela observação do voo das aves. A cerimónia e a função do áugure eram essenciais para qualquer grande empreendimento na sociedade romana; o seu dever não era prever o futuro como tal, mas descobrir se os deuses eram a favor ou contra um determinado curso de ação. Chamava-se a isso «tomar os auspícios». Ainda hoje utilizamos essas expressões, na linguagem moderna: sempre que o resultado de um empreendimento ou de uma atividade parece promissor, dizemos «tem bons augúrios» ou «é auspicioso».



Esse costume romano, juntamente com o anterior Oráculo de Delfos, constitui o pano de fundo para a prática atual da divinação, da qual a prática do pêndulo faz parte. O termo «divinação» surge pela primeira vez em 44 AEC.

O seu lugar na história

Com o passar do tempo, a divinação foi ganhando outras práticas. As que se relacionam mais diretamente com a utilização do pêndulo enquadram-se na categoria genérica do sortilégio — a leitura do destino. O vocábulo «sortilégio» deriva do termo latino *sors*, que significa sorte, e *Sortilegus* era o nome atribuído à pessoa que lesse ou adivinhasse por esse processo.

Em termos gerais, essa prática implicava (e ainda implica) segurar num objeto ou num grupo de objetos numa mão ou nas mãos, imbuí-lo(s) da pergunta cuja resposta se procura e, depois, atirá-lo(s) ao ar. Acreditava-se que as respostas «pairavam no ar» e que, quando as sortes atravessavam os objetos, impregnavam-nos com a resposta, fazendo-os cair num determinado padrão. Desse modo, a resposta é adivinhada a partir do padrão formado pelo(s) objeto(s), ao cair. Os movimentos do pêndulo derivam da mesma fonte.

Existem vários tipos de sortilégios, entre os quais: a astragalomania — a prática antiga de lançar ossos; a cleromania — lançar dados e runas; a geomancia — lançamento de areia; e o I Ching — lançamento de paus de caule de milefólio ou moedas. Os Babilónios, os Árabes e os Ameríndios utilizavam setas, devido à forma como elas trespassam o ar, voando em direção ao desconhecido. Cada seta tinha uma marca específica e poderia ser lançada contra o chão ou simplesmente retirada de um recipiente.

Tal como tem acontecido ao longo da história, ainda envolvemos o espaço no processo da leitura e permitimos que o pêndulo atraia o invisível. Hoje em dia, em vez de observarmos os padrões criados à sorte, lemos os movimentos dos nossos pêndulos. Assim, nós, como utilizadores do pêndulo, encontramos-nos no fim de uma longa linhagem histórica.



A HISTÓRIA ATRIBULADA DA RADIESTESIA

Pensa-se que as atuais práticas de radiestesia surgiram na Alemanha, no século xv, e que serviam para detetar metais. O primeiro registo escrito de radiestesia remonta a 1518, quando Martinho Lutero a denunciou como uma prática oculta anticristã que transgredia o Primeiro Mandamento. A primeira ilustração de um radiestesista de que se tem conhecimento encontra-se na edição de 1550 da obra *Cosmographia*, do cosmógrafo e cartógrafo alemão Sebastian Münster. Trata-se da xilografia de um radiestesista com uma vareta bifurcada nas mãos, a caminhar, no desenho diagramático de uma operação mineira. A vareta ostenta a expressão latina *Virgula divina* — «vareta divina». Além disso, é referida em alemão como *Wünschelrute* — «vareta» ou «pau da sorte». Não é de admirar que a radiestesia fosse uma prática corrente na Alemanha quinhentista. Essa foi a era das grandes descobertas de prata, na Saxónia, e o médico e filósofo naturalista Georgius Agricola (que latinizou o nome, como era comum na época) tornou-se o médico da cidade de Joachimsthal, capital da extração de prata da região. Agricola esperava encontrar novos fármacos entre os minérios e os minerais da zona, e passava os tempos livres a visitar minas e fundições, a falar com mineiros mais letrados e a ler obras de autores clássicos sobre mineração. Embora desiludido com a procura de fármacos, tornou-se especialista em práticas ligadas à mineração — incluindo a radiestesia, um dos principais métodos para detetar filões de minérios ocultos. Em 1556, escreveu a obra clássica sobre a prática da mineração, *De Re Metallica*, que incluía uma descrição pormenorizada da radiestesia para detetar minérios de metal. No século xvi, a Europa inteira recorria à tecnologia alemã de exploração mineira subterrânea, e os alemães eram autorizados a viver e trabalhar na Inglaterra, sobretudo nas zonas de mineração de latão de Devon e da Cornualha e nos distritos de mineração de chumbo e prata da Cumbria. Crê-se que o termo «radiestesia» tenha sido introduzido nesse período e que revele características dos dialetos do *West Country* daquela época (embora se desconheça quais são concretamente as suas origens).

O desenvolvimento da radiestesia

Em 1662, um jesuíta conservador, chamado Gaspar Schott, declarou a radiestesia como uma prática «supersticiosa ou bastante satânica» (tal como quase tudo o que não estivesse ligado à Igreja), muito embora, mais tarde, tenha referido (talvez por generosidade) que não tinha a certeza se era sempre o diabo que fazia a vareta mover-se. É interessante constatar que, ao mesmo tempo, no sul da França, a radiestesia era utilizada para identificar criminosos e hereges, mas a sua utilização nalguns locais levou a Inquisição (nada mais, nada menos do que a Inquisição) a emitir um decreto, em 1701, proibindo-a nos processos ligados à justiça. Denunciada pela Igreja Católica, a radiestesia passou por um renascimento em termos de aceitabilidade — e, portanto, de respeitabilidade — pelo seu uso na medicina, no início do século xx.



Xilografia de *De Re Metallica*, apresentando os radiestesistas em ação.

Alguns padres católicos franceses são conhecidos por manter a tradição da radiestesia, desde que o Padre Mermet a apresentou sob uma perspectiva favorável ao público, no início do século. Mermet diz ter inventado «o diagnóstico pendular», depois de concluir que se era possível estudar o que se escondia na terra e nos objetos inanimados com um pêndulo, talvez esse mesmo pêndulo pudesse detetar igualmente problemas de saúde escondidos nos animais e seres humanos. E ainda acrescentou: «É claro que não advogo o diagnóstico pendular como único método, destinado a substituir todos os outros, mas só como meio de controlo para complementar o conhecimento, baseado em princípios diferentes.»

A prática moderna

No mundo de hoje, a suprema condenação de uma ideia, ação ou conceito é declará-los «não científicos». Apesar de tudo, Albert Einstein, que talvez tenha sido o maior cientista do século xx, escreve:

Sei muito bem que muitos cientistas equiparam a radiestesia à astrologia, considerando-a uma espécie de superstição antiga. Quanto a mim, contudo, estou convencido de que isso não é assim. A vareta de madeira e o pêndulo são meros instrumentos que refletem a reação do sistema nervoso humano a determinados fatores que ainda nos são desconhecidos.

No entender de Einstein, tudo o que nos rodeia se enquadra no domínio da ciência — aliás, se, por um lado, há muita coisa que é deliberadamente excluída da ciência, por outro, já se constatou que muitos factos que foram cientificamente «provados» há 50 anos estão errados ou carecem de mais análise. Da mesma forma, muitas das bases científicas de agora eram desconhecidas há 50 anos. Só nos resta perguntar o que é que a ciência ainda nos revelará nos próximos 50 anos.

Os seres humanos são dotados de uma vasta gama de sensibilidades que os sintonizam com tudo o que os rodeia — algumas das quais são referidas mais à frente, no contexto das Energias Telúricas (ver páginas 138-9) — e não será insensato presumir que algumas pessoas apreendam diretamente as variações já referidas (frequências terrestres, ondas cerebrais e assim por diante). São essas mesmas sensibilidades que os radiestesistas sintonizam — consciente ou inconscientemente — e que poderão muito bem ser as que Einstein menciona. Não é surpresa nenhuma, porque, no nosso mundo, tudo está de alguma forma relacionado.

As técnicas da radiestesia, tanto no passado, com as varetas de madeira, como mais recentemente, com os pêndulos, são utilizadas de diversas formas e em diferentes ocasiões: para detetar água, ouro, petróleo e outros minerais, encontrar objetos perdidos, pessoas ou animais de estimação desaparecidos, descobrir cardumes, escolher destinos de férias, localizar ruínas arqueológicas, fugas e canos subterrâneos, verificar equipamentos defeituosos ou fontes de avarias, identificar problemas no corpo... e a lista continua. Podemos detetar alergias, apurar a qualidade e o grau de frescura da água e dos alimentos, identificar substâncias químicas, pesticidas ou bactérias nos alimentos, avaliar a compatibilidade entre as pessoas, os locais e as coisas, analisar a saúde das plantas e dos animais, fazer testes áuricos, equilibrar os chakras, diferenciar objetos contrafeitos e autênticos, bem como sentir a honestidade ou o sentido de justiça das pessoas com quem lidamos. Não há praticamente limites ao que podemos fazer.

Será que toda a gente pode utilizar o pêndulo? A resposta é sim, embora a nossa habilidade para o fazer dependa da prática e da dedicação. Todos possuímos precisamente os mesmos sistemas biológicos que operam o pêndulo. Mas é uma capacidade como outra qualquer. Algumas pessoas têm mais facilidade do que outras e cada qual desenvolve as suas capacidades de forma diferente, ao longo do tempo. Como com qualquer outra coisa, porém, quanto mais praticamos, melhor será a nossa capacidade. Dessa forma, mais uma vez, a resposta é sim!

A DIVINAÇÃO

O mais extraordinário da divinação é o seu êxito. Alguns métodos talvez se tenham revelado mais eficazes do que outros e, mais precisamente, alguns divinadores têm mais poder visionário ou um dom mais forte para compreender o caráter humano e a forma como o indivíduo tenderá a agir do que outros. Mas até do ponto de vista mais materialista, a julgar pela sua popularidade antiga — e tendo em conta que a divinação teve de sobreviver à condenação eclesiástica e à ridicularização por parte dos racionalistas e dos cétricos —, é uma arte com um êxito estrondoso.

A divinação está acima e para além do normal. A divinação trata de levar o eu a uma consciência mais profunda e a uma consciencialização plena que nos permitem descobrir mensagens e informação, nas nossas buscas, passando entre a mente do grande arquiteto do universo e a mente do homem. A divinação é um estado e não uma técnica. Mas há técnicas que podemos utilizar para desenvolver a nossa capacidade de aceder a esse estado.

Encontramos pistas em muitas coisas, portas para o futuro, que foram consideradas portentos. São coisas que estimularam uma qualquer faculdade misteriosa no divinador que nos permite, como seres humanos, saber o que não se vê a olho nu nem se capta normalmente pelos sentidos. Esse poder de raciocínio que se diz ser o que nos distingue dos animais faz-nos parecer extraordinários. Apesar disso, nunca nos sentimos satisfeitos. O desejo de prever e vislumbrar o futuro, bem como de tomar decisões de grande peso no presente, insta à orientação sobrenatural: dá a ciência ou arte da divinação — ser capaz de definir, por meios aparentemente irracionais, que ação tomar face ao desconhecido.

Então, o que é exatamente?

A divinação é a descoberta de matérias secretas por uma grande variedade de meios, sinais e técnicas intuitivas, mediúnicas e simbólicas. Embora vulgarmente conhecida como respeitando sobretudo ao futuro, por vezes, implica voltar a visão para trás, a fim de aprender com o passado esquecido — afinal, somos quem fomos. A divinação é uma dádiva do divino, de Deus ou dos deuses. Os psicólogos dizem que é um dom intuitivo — um dom mágico com a sua própria lógica, segundo quem já foi iniciado nos mistérios.

Compreendamos a divinação: tem um passado ilustre e não deve ser equiparada à mera intuição. O despertar dessa sensibilidade em nós ajuda-nos a trabalhar com o pêndulo a um nível superior, aprofundado e mais recompensador.

Qualquer pessoa pode adquirir uma corrente elegante, um fio de algodão vistoso ou uma gaita bonita, prender-lhe um pêndulo ou, até, um botão na extremidade, segurá-lo sobre a palma da outra mão e esperar.

E agora? Invariavelmente, nada! Se já cumpriu todos os requisitos terrenos, o que lhe faltará? Chama-se divinação e é tudo uma questão de levar o eu a um estado de consciência mais profundo que nos liga à plena atenção.

Os que buscam e os motivos

No passado, os motivos para se consultar um divinador estavam associados ao desejo de nos livrarmos do medo e da incerteza. Nos tempos antigos, tratava-se do medo da fome, dos acidentes, da doença e das catástrofes naturais, dos inimigos e da morte. Hoje em dia, esperamos evitar a doença e desejamos amor, dinheiro, êxito, felicidade e imortalidade. Alturas houve em que sentíamos a necessidade de olhar para o nosso passado para lidarmos melhor com o nosso futuro. Antes, era o homem da medicina e o adivinho quem tinha a capacidade de ver se o que esperamos que aconteça acontecerá mesmo. A certa altura, o sábio, o chefe tribal, o líder ou o rei nómada eram vistos como pessoas experientes e possuidoras desse dom.

Além disso, nasciam crianças que desde logo pareciam invulgares, estranhas, introvertidas, sonhadoras e que, por isso, eram logo diferenciadas. Eram pequenos agraciados pelo toque de Deus. Quando reconhecidas, infelizmente, essas crianças passavam a ser marginalizadas, pela sua estranheza, sofrendo frequentemente de acessos que as deixavam em estados oníricos profundos e se refletiam em determinados gestos físicos. Esses estados eram facilmente tidos como ataques epiléticos, episódios ou acessos de loucura, numa época em que os doentes mentais eram repelidos, por se acreditar que encarnavam as forças maléficas dos deuses, lá de cima; a vidência era confundida com a doença mental e física. Desse modo, os verdadeiros divinadores eram alvo de uma perseguição implacável.

A exceção, nos tempos antigos, era a homossexualidade, considerada como recetáculo das virtudes e do poder de uma polaridade equilibrada — de se ser homem e mulher numa só pessoa. Consequentemente, os homossexuais moviam-se livremente na sociedade e eram reconhecidos, ao contrário do que aconteceria em muitos períodos posteriores, ao longo da história.

A abertura do canal

Para podermos aceder a esse sentido divinatório, a esse dom que sempre tivemos e que nos permite contactar com a nossa própria fonte natural, temos de nos submeter a um processo de ligação a esse poder. Trata-se de um ritual para preparar a nossa intenção — por outras palavras, para nos abrir à receção.

Procurar esse espaço bem definido da divinação é como atravessar um deserto, em busca de espaço e liberdade, e depararmo-nos com hotéis, linhas férreas, edifícios e toda a «tralha» da civilização a bloquear-nos o acesso à vastidão do deserto.

É essencial purificarmo-nos e afastarmos todas as complicações, para ganharmos acesso e usufruirmos da Inteligência Universal, estando simplesmente disponíveis.

Já alguma vez experimentou a divinação?

Talvez se pergunte: «Como a poderei reconhecer? Já a terei sentido alguma vez?» A inspiração é um bom indicador desse estado — uma ideia que surge subitamente, do nada. Não é preciso ser uma revelação fantástica; pode ser um subtil «sim». A sensação de sabermos e compreendermos perfeitamente qualquer coisa. É mais ou menos como se fôssemos uma lâmpada — de repente, faz-se-nos luz. Mas sentimo-lo ao nível do corpo emocional. Simplesmente parece-nos «certo». E não sentimos apenas que é certo — sabemos que é.

Psicólogos e psiquiatras de renome, como Carl Jung, reconheciam e validavam essa experiência. Em geral, não podemos provar racionalmente aquilo que sabemos intuitivamente. Isso significa que estamos a alcançar o infinito e a entrar no domínio divinatório, em que estabelecemos uma ligação com os espíritos.

O acesso ao espaço divinatório

A meditação que se segue (Entrar no Celestial; ver meditação 1 no verso) ajuda-nos a encontrar a plenitude em nós próprios. Assim que entramos nesta Terra, começamos a passar por diversas experiências de separação e perda que criam em nós um grande fosso de separação, entre o Céu e a Terra — talvez uma sensação de vazio ou solidão que nos acompanha pela vida fora. Na formação de mestria/iniciação espiritual, acredita-se que a alma do bebé pode sofrer um grande choque, ao ser separada do universo divinatório de onde acaba de chegar (quando cortam o cordão umbilical) e, depois, lançada neste novo domínio terreno.

O resultado final é que a pessoa nunca mais conseguirá recuperar essa ligação. Os seres humanos estão sempre a tentar encontrar, à procura e a esforçar-se por qualquer coisa — mas não sabemos o quê e tendemos a pensar que a galinha do vizinho é sempre mais gorda do que a nossa. Bem fundo, no nosso subconsciente, teremos a memória de que, outrora, no espaço divinatório, não estávamos sozinhos. Encontrávamo-nos extremamente animados e em perfeito estado de contentamento.

Aperfeiçoe a sua capacidade

A técnica de Canalização Celestial (meditação 1) serve para purificarmos e limparmos a psique e o corpo, para acedermos à via divinatória. Convém fazer um Diário Celestial para registar as suas experiências, quando visita o espaço divinatório.

Depois de completar a meditação da Canalização Celestial, pode avançar para a meditação da Inversão de Marcha (ver meditação 2, páginas 20-21).

Tal como já se referiu, a divinação é um estado e não uma técnica, embora a possamos aperfeiçoar com determinadas técnicas que nos permitem abrir e aceder ao seu poder que tudo abarca. Através desse processo, aumentamos a nossa flexibilidade para aceder ao estado divinatório sempre que desejarmos, sentindo-nos expandir e contrair ritmadamente, consoante entramos ou saímos da luz. A meditação da Inversão de Marcha ajuda-nos a consegui-lo.

1. Canalização: Entrar no Celestial — O Regresso ao Lar

- Sente-se numa posição confortável, numa cadeira ou no chão. Descontraia, respire ao seu ritmo natural e feche os olhos. Esvazie a mente por completo; sempre que começar a pensar conscientemente nalguma coisa, afaste logo esse pensamento.
- Concentre-se na respiração, inspirando a quatro tempos, sustendo o ar durante oito tempos e expirando a quatro tempos. Repita. Depois, deixe a respiração retomar o ritmo normal.
- Tome consciência do belo céu índigo acima da sua cabeça, pontilhado de estrelas prateadas resplandecentes. Uma delas pertence-lhe. Escolha-a e deixe-a dirigir um feixe de luz prateada para a abertura no topo da cabeça. Ao penetrar em si, a luz fá-lo sentir uma cascata de lampejos crepitantes e fulgurantes, a rodopiar suavemente por si, vivos e energéticos.
- Ao entrar na sua cabeça, esse feixe converte-se num líquido quente, de um azul muito claro e suave, que desce delicadamente e chega ao pescoço, segue pelas costas abaixo e se infiltra na coluna vertebral, atravessando todas as vértebras. Cada vértebra representa sete anos da sua vida. Saiba que, ao atravessá-las, esse líquido limpará quaisquer dores ou máculas que tenha sofrido no passado.
- Agora, deixe o líquido azul sair da coluna vertebral, circular pelo corpo, percorrer-lhe os braços e as pernas, expandir-se pelo peito e descer pelo abdómen, envolvendo todo o seu ser físico.
- Preenchida por esse líquido quente, suave e puro, a sua mente abrandou, ficando totalmente calma e tranquila. Tome consciência de estar totalmente descontraído e incapaz de mexer qualquer parte do corpo.
- Permaneça assim durante 3 minutos. Tome consciência da pele. Visualize os poros a abrir e a deixar escapar o líquido azul sob a forma de névoa celestial luminosa, que lhe atravessa a pele, acariciando-a delicadamente, e lhe envolve completamente o corpo. Sinta uma suave pulsação na base da coluna vertebral e um ligeiro movimento de rotação do seu corpo, que se eleva e afasta, ao entrar no domínio divinatório, seguro e protegido no seu escudo de névoa.



- Olhe ao seu redor; para o céu índigo e estrelado, e veja a névoa dissipar-se, rendendo-se ao que está a testemunhar. Permaneça alguns minutos neste espaço e veja a névoa celestial começar a envolvê-lo novamente, para o trazer de volta à terra. Reentre no seu corpo, assim que a névoa se dissipa.
- Feche a abertura no topo da cabeça e mantenha-se tranquilo, a recordar toda a sua experiência. Fique 3 minutos nesta posição.
- Tome consciência da respiração, inspirando a oito tempos, sustendo o ar durante quatro tempos e expirando a oito tempos. Repita e, depois, centre-se no ritmo natural da sua respiração.

(continua)

- Erga os braços, espreguice-se e, quando estiver pronto para regressar à Terra, junte as mãos, esfregando-as vigorosamente, palma contra palma, até as sentir emanar uma intensa energia térmica. Afaste as palmas e volte-as para a frente, mantendo os braços fletidos, para libertar o calor.
- Concentre-se na respiração, inspirando a quatro tempos, sustendo o ar durante oito tempos e expirando a quatro tempos. Repita. Abra os olhos e espreguice-se, esticando as pernas e os braços.

Pratique este procedimento. Procure a sensação de estar no seio deste espaço de conforto. Com o tempo, começará a discernir-lhe o extremo fulgor e a sentir-se no paraíso, mesmo que seja num lampejo ou numa questão de segundos. Chama-se a isso beatitude.

2. Meditação da Inversão de Marcha

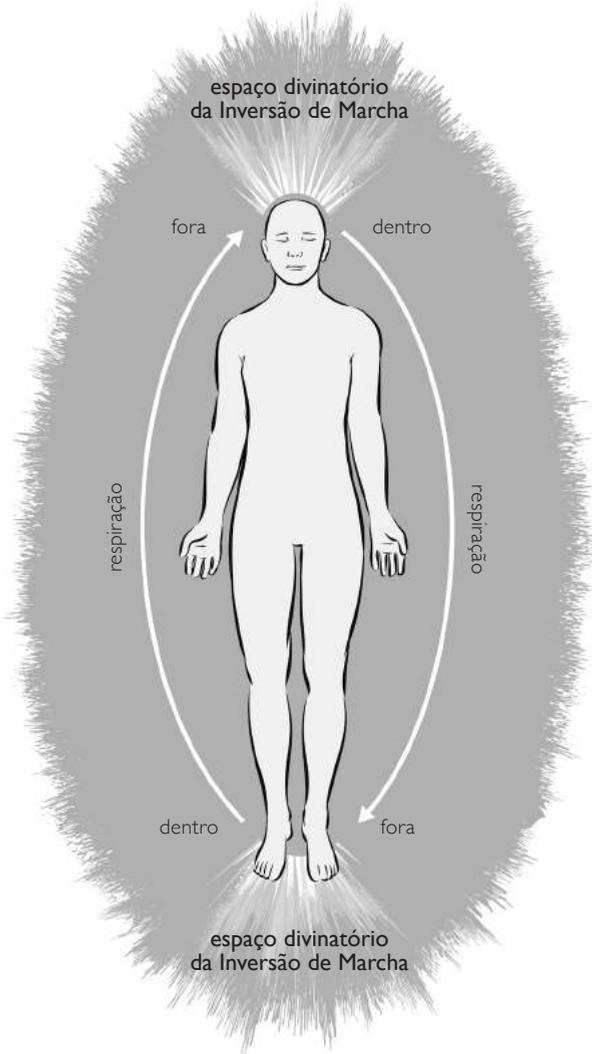
Uma forma muito simples de entrar no estado divinatório, trespassando o brilho claro do universo, é meditar com a respiração.

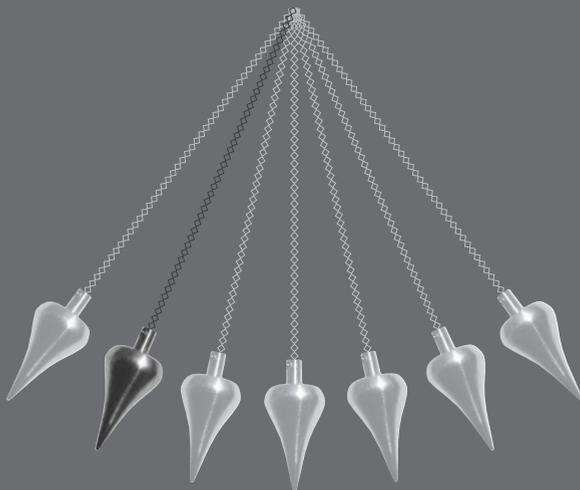
- Deite-se de costas e descontraia, com os olhos fechados, os braços estendidos ao lado do corpo, as palmas voltadas para o teto e as pernas soltas, com os calcanhares juntos (ver página seguinte). Concentre-se na respiração, inspirando e expirando cinco vezes.
- Deixe que a respiração siga o seu ritmo natural interno, sentindo-se totalmente descontraído e leve como uma pena.
- A começar pelo tornozelo direito, inspire lenta e profundamente, visualizando o ar a subir pelo lado direito do seu corpo. Assim que chegar à têmpora direita, comece a expirar lentamente.
- Tome consciência desse espaço a que acede ao expirar — chama-se Inversão de Marcha —, antes da inspiração seguinte, que fará o ar entrar pela têmpora esquerda e descer pelo lado esquerdo do seu corpo. Assim que chegar ao tornozelo esquerdo, expire outra vez para fazer outra Inversão de Marcha, inspirando o ar pelo tornozelo direito e repetindo o ciclo todo. Repita duas vezes.
- Para completar o processo, respire profundamente três vezes, para, depois, inspirar a cinco tempos, suste o ar durante cinco tempos e expirar a cinco tempos. Tome consciência dos dedos das mãos e dos pés, movendo-os: volte as mãos para sentir as palmas contra o chão a enraizá-lo e aponte os dedos dos pés, o mais para baixo que puder, na direção do solo; em seguida, solte-se e descontraia. Abra os olhos.

Pratique esta sequência até a assimilar. Quanto mais praticar, mais entrará no ritmo de expansão e contração de entrada e saída do espaço da Inversão de Marcha. Posteriormente, quando já estiver habituado a este processo, comece a concentrar-se no espaço da Inversão de Marcha, permitindo-se — fazendo a ponte entre os dois lados do corpo — aceder a este espaço, que é o infinito, onde toda a divinação tem origem.

Com o tempo, passará a ter uma noção de como é estar nesse espaço que tudo abarca. Sempre que puder, alargue um pouco mais o tempo de permanência no espaço da Inversão de Marcha, permitindo-se explorar e «vaguear», afastando-se e elevando-se, à medida que avança pelo infinito.

Sempre que sentir necessidade, repita todo o processo para se reunir com a sua fonte. Não se esqueça de registar as suas experiências no Diário Celestial.





2

APRENDA A UTILIZAR O PÊNULO

Descubra o poder e a utilidade do seu pêndulo com a ajuda de exercícios e procedimentos de leitura fáceis de acompanhar.

INTENÇÃO FOCALIZADA

É evidente que podemos simplesmente fazer o pêndulo oscilar ao acaso — como tanta gente faz! —, sem nos preocuparmos em refletir ou nos prepararmos de antemão. Seria, no entanto, uma pena não dedicar uns minutos aos preparativos que nos permitirão gerar uma leitura impressionante — não permitir a criação de resultados positivos por falta de esforço da nossa parte. Lembre-se: recebemos na proporção em que damos. Quando trabalhamos com um pêndulo, devemos sempre procurar obter a informação mais precisa e da melhor qualidade.

Prepare a intenção

Para executarmos qualquer tipo de movimento físico, temos de aceder aos nossos ritmos internos. Esse é um dos prazeres da dança. Muitas culturas ancestrais conheciam o poder dessa ligação e praticavam danças rituais tanto para usufruírem dos benefícios físicos que elas proporcionavam, como para acederem a níveis de espiritualidade superiores. O homem sempre tentou amalgamar o Céu e a Terra num fluxo rítmico — daí ter desenvolvido rituais para preparar a intenção.

Os rituais que executamos na vida, sejam eles quais forem, servem para prepararmos a nossa intenção. O que importa é ter sempre em mente qual era a nossa intenção inicial. É frequente seguirmos um padrão de preparativos habitual, esquecendo-nos da intenção original. É por isso que, com o pêndulo, temos de estar sempre atentos à nossa intenção e só devemos trabalhar com ele se estivermos totalmente concentrados. Caso contrário, não poderemos chegar ao potencial máximo no nosso trabalho.

É frequente encontrarmos pessoas com pêndulos em ocasiões festivas, a entreter as outras. Por mais que isso possa impressionar, tais leituras serão, sem dúvida alguma, perigosas e puramente superficiais. Na nossa opinião, «o melhor é deixá-lo em casa». Para ser feito com seriedade, o trabalho com o pêndulo requer um tempo e um espaço próprios, e os ambientes festivos não são adequados para esse fim. O pêndulo é uma ferramenta a respeitar. Afinal, não estamos à espera de ver um cirurgião sacar do bisturi, no meio de uma festa, só para entreter! Vejamos as semelhanças entre as duas coisas: o bisturi corta fisicamente, tal como o pêndulo abre uma via imaculada de acesso ao reino dos Céus, para de lá fazer chegar ideias, informações e ensinamentos claros. Por outras palavras, a verdade.

O pêndulo é a nossa preparação terrena — a ferramenta para atravessar o fosso. O Céu é a divindade — aquilo a que visamos aceder para obter respostas e orientações.

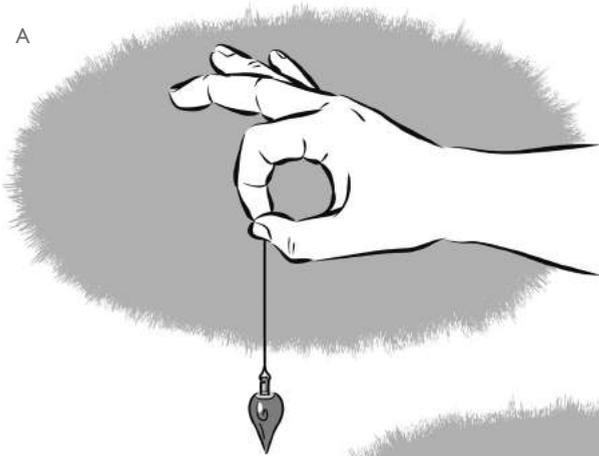
A PREENSÃO DO PÊNDULO

Inicialmente, manejaremos o pêndulo um pouco intuitivamente. Com a prática, talvez passemos a segurá-lo de outra maneira, mais natural e confortável — a que melhor se adequar a nós.

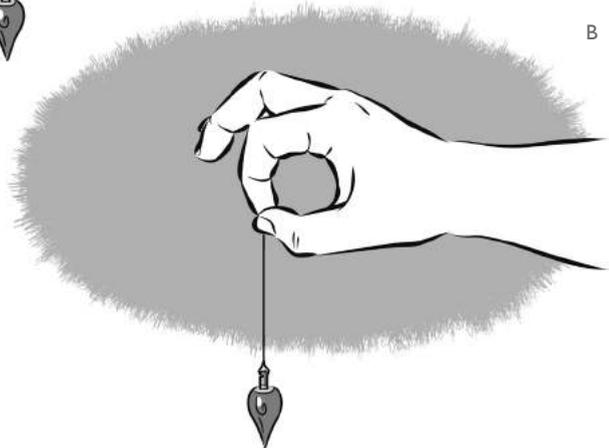
Para nos tornarmos pendulistas profissionais ou, até, para lermos o pêndulo só para nós, teremos de aprender não só as melhores formas de preensão do pêndulo, como também os modos mais corretos de trabalhar com ele, para lhe maximizar o potencial.

Na maioria das ilustrações deste livro, o pêndulo surge preso entre o polegar e o indicador, que se pressionam delicadamente um ao outro. Os outros três dedos ficam ligeiramente estendidos (ver imagem A). Também podemos manter os dedos um pouco fletidos, como na imagem B.

A



B

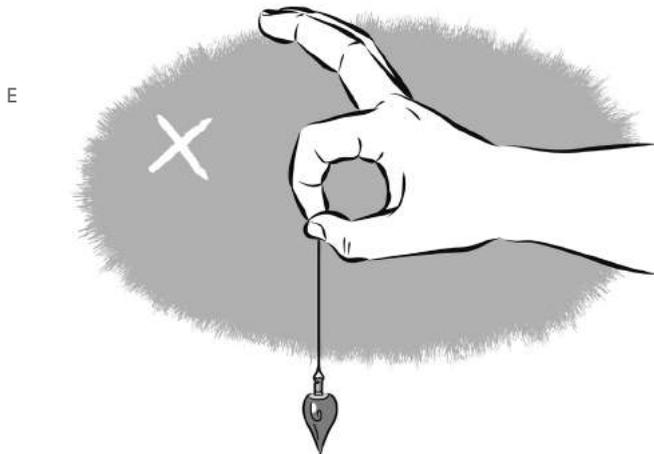


A abertura entre o polegar e o indicador pode assumir duas formas, dependendo do grau de extensão desses dois dedos. São as formas «Olho» e «OM». Para formar essas duas aberturas, apoie a ponta do indicador delicadamente sobre a ponta do polegar. Ambos os tipos de aberturas propiciam um bom fluxo de energia.



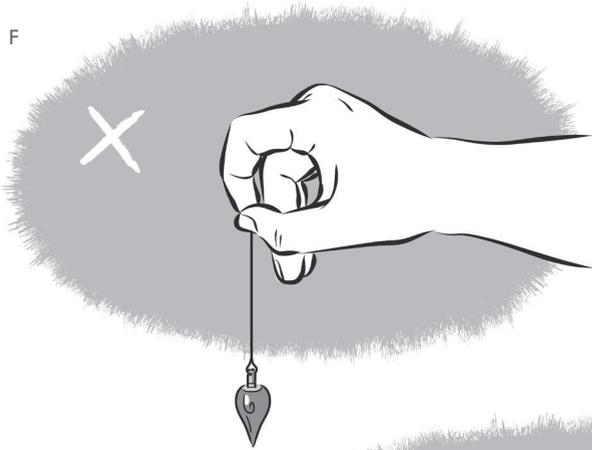
Formas de preensão a evitar

Para obtermos os melhores resultados, devemos evitar segurar no pêndulo de uma forma que nos restrinja o fluxo de energia ou nos deixe a via que vai da nossa mão até ao pêndulo energeticamente aberta. Seguem-se imagens dos dois casos:

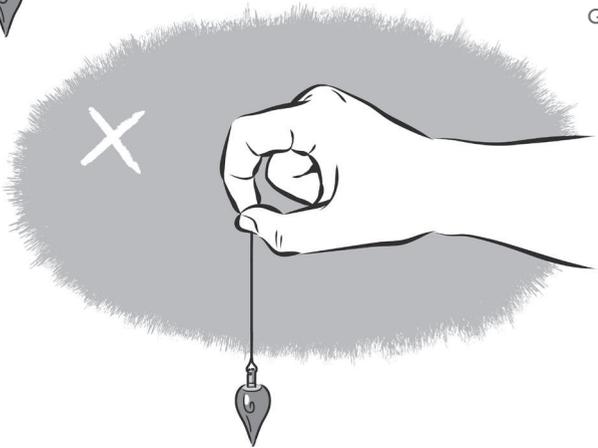


No exemplo E, os três dedos que não seguram o pêndulo estão muito elevados, o que faz com que o fluxo de energia fique aberto e desprotegido.

F



G



No exemplo F, os três dedos que não seguram o pêndulo estão enrolados para dentro, com as pontas voltadas para baixo, a ultrapassar o polegar. Nessa posição, travamos o fluxo de energia e não obtemos todos os benefícios da leitura. No exemplo G, os três dedos que não seguram no pêndulo estão enrolados para baixo e para dentro, com as unhas a pressionar a palma e a formar um punho cerrado. Assim, travamos totalmente o fluxo de energia e de modo algum conseguiremos tirar o máximo proveito da nossa leitura.

Pense nos três dedos como sendo a antena. Se estiverem enrolados, perdemos o sinal e o fluxo de energia não passa. Se a elevarmos demasiado, a palma da mão fica desprotegida e vulnerável. Com os dedos curvados para dentro e, até, a pressionar as palmas, restringimos e bloqueamos o fluxo de energia.

LIGUE-SE AO SEU PÊNDBULO

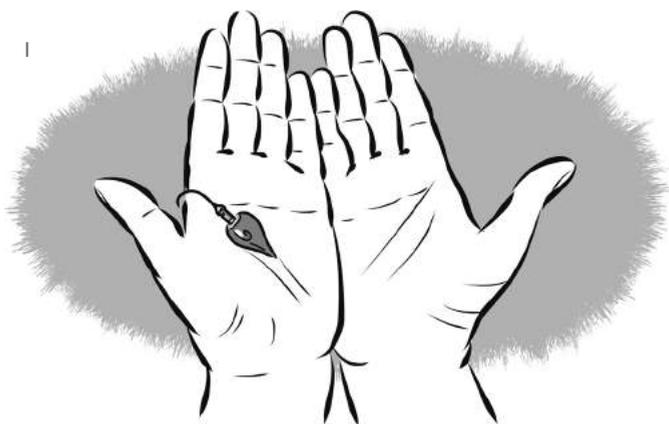
Antes de iniciar o processo, tem de arranjar um sítio onde guardar o seu pêndulo. Uma bolsinha ou um saquinho com fecho de cordão. Se não tiver um saco, pode proteger o pêndulo, envolvendo-o num simples lenço ou pano de seda (a seda tem propriedades de proteção de energia especialmente boas) ou de outro tecido qualquer.

Tal como já se referiu, o uso do pêndulo não é um jogo. Requer uma séria capacidade de concentração. Para fazer as leituras, temos de estar concentrados no que pensamos e dizemos, sendo totalmente sinceros e honestos. É uma forma de ajudar o nosso eu consciente a trabalhar estreitamente com a Força do Bem.

O processo de ligação

Antes de começar, lave as mãos, mantendo-as sempre na horizontal. A mão que segura no pêndulo chama-se mão inquiridora; a outra, mão servidora.

1. Abra a mão servidora com os dedos bem juntos e muito ligeiramente curvados. Coloque o pêndulo no centro da palma e alinhe-a com a mão inquiridora. Posicione as duas mãos lado a lado, mais uma vez, com os dedos bem juntos e ligeiramente curvados. Assim, com as mãos abertas, oferecemos simbolicamente o pêndulo às forças espirituais invisíveis.



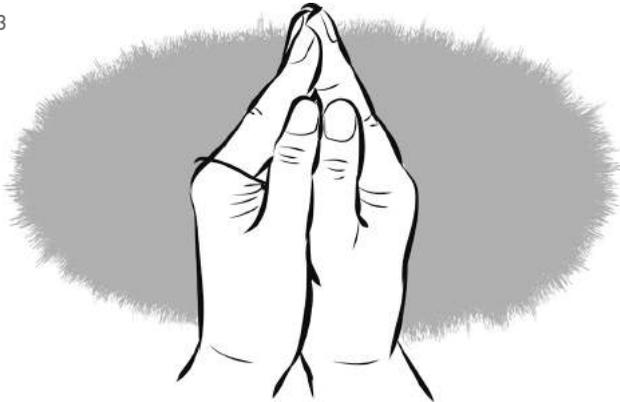
2. Com as faces laterais das mãos bem unidas, vá aproximando lentamente as palmas, até unir as pontas dos dedos de uma mão com a outra, deixando um espaço entre as duas e mantendo os polegares erguidos (ver a ilustração mais à frente).

2



3. A partir desta posição, junte os polegares, lado a lado, no topo, mantendo o espaço entre as palmas, a proteger o pêndulo. Com os polegares bem unidos, envolva o pêndulo num escudo protetor:

3



4. Já está pronto para proferir a sua invocação (a invocação é uma dedicatória e um voto de compromisso para com o universo): «Dedico-me e comprometo-me a fazer um trabalho com este pêndulo que beneficie o Céu e a Terra. Que assim seja.» Repita esta invocação três vezes. A repetição consagra a invocação como um ato de compromisso.

Quando acabar, abra lentamente as mãos, retire o pêndulo e guarde-o no saquinho (ou no pedaço de tecido). Deixe-o num local tranquilo durante 24 horas, antes de começar a utilizá-lo. Para completar o processo, lave as mãos. Após 24 horas, já estará pronto para começar a trabalhar em completa sintonia com o seu pêndulo.

DETERMINE O SEU PRÓPRIO SENTIDO PARA O SIM E O NÃO

O pêndulo tem como função dar a resposta certa, pelo sentido da rotação. Os iniciantes poderão ter alguma dificuldade, ao constatar que, contrariamente à noção generalizada, a rotação no sentido dos ponteiros do relógio não significa sempre sim para os destros e não para os canhotos. Aliás, um destro poderá aperceber-se de que o pêndulo roda no sentido contrário aos ponteiros do relógio para o sim e no sentido dos ponteiros do relógio para o não. A rotação rege-se pela polaridade própria de cada pessoa. O que pensa o pendulista, se isso lhe acontecer? Pode pensar que é mau sinal, mas não é. O sentido da rotação não interfere na qualidade do trabalho.

Para determinar o seu próprio sentido para o sim e o não:

- Com a mão direita, se for destro, e a esquerda, se for canhoto, suspenda o pêndulo sobre a palma aberta da mão oposta (ver ilustração na página 31).
- Faça uma pergunta que apenas possa ser respondida com um sim. Pondere-a bem. Por exemplo, se perguntar «Nasci rapaz?», e tiver dúvidas conscientes ou subconscientes quanto à sua masculinidade, poderá não obter uma resposta muito clara. Se perguntar «Nasci num corpo masculino?», já obterá uma resposta muito mais clara. Ou faça uma pergunta como «O meu pêndulo é feito de metal?» (ou madeira, ou plástico ou o que quer que seja). Nesse caso, a resposta será um sim específico.
- Observe em que sentido o seu pêndulo oscila, assim que ele estabilizar o movimento numa só direção. Para si, esse é o sentido que significa o sim.
- Para confirmar que essa é a direção correta, faça uma pergunta ao pêndulo que só possa obter uma resposta negativa. Nesse caso, ele deverá rodar na direção oposta. Se rodar na mesma direção ou só oscilar para trás e para a frente, reanalise as perguntas que fez, para despistar qualquer ambiguidade. Vá aperfeiçoando as perguntas até obter bons resultados com respostas claras.

Aqui, como em qualquer utilização do pêndulo, só poderemos receber respostas claras se tivermos a capacidade para fazer perguntas claras e não ambíguas. Pode sempre fazer um teste, quando utiliza o pêndulo, e perguntar: «A minha pergunta foi clara?»

O PROCEDIMENTO DA RADIESTESIA CLÁSSICA

Ao progredir na leitura deste livro, chegará a etapas superiores e mais avançadas da mestria da ferramenta que é o pêndulo. Pode ler como o fazer, mas quanto mais depressa começar a praticar, melhor — a melhor forma de aprender a técnica básica do pêndulo é começar logo a utilizá-lo. Entenda isto como uma indicação para pôr mãos à obra!

Sempre que utilizamos o pêndulo, seja pelo Procedimento da Radiestesia Clássica, seja por outro, quando progredirmos e adquirirmos mais conhecimentos com a leitura deste livro, o mais importante é termos sempre em conta os três P:

- **Preparação** – os preparativos e o posicionamento correto;
- **Propósito** – a pergunta que fazemos ao pêndulo e a nossa intenção;
- **Procedimento** – a participação e a passagem das palavras aos atos.

Vejamos como funciona na prática.

A leitura clássica

PREPARAÇÃO

1. Sente-se confortavelmente.
2. Segure na extremidade da corrente do pêndulo, prendendo-a entre o polegar e o indicador da sua mão dominante. Essa é a chamada mão inquiridora.
3. Com a outra mão (a servidora), passe delicadamente o polegar e o indicador pela corrente, no sentido ascendente e descendente. Isso serve para estabilizar o pêndulo e para nos certificarmos de que está parado, em repouso.
4. Com tudo bem estabilizado, continue a passar os dedos pela corrente, para cima e para baixo, dizendo: «Por favor:» Pode fazê-lo em silêncio ou em voz alta. É uma cortesia nossa para com as forças que estamos a invocar.

PROPÓSITO

5. Ainda com a mão servidora, passe o polegar e o indicador pela corrente, nos dois sentidos, e faça a pergunta (ver acerca da clareza da pergunta mais à frente). Quer esteja a fazer uma leitura para si próprio, quer esteja a fazer uma leitura para outra pessoa, faça sempre a pergunta que tem a fazer, enquanto passa os dedos pela corrente. A corrente é o elo de ligação e funciona como antena. É ela que nos dá acesso às forças divinatórias.

A clareza da nossa pergunta é de importância vital. Por exemplo, para a pergunta «Passarei no exame de condução?», a resposta (na maioria dos casos) será sim. O que não se pergunta é «Passarei no exame de condução desta vez?». Sem o «desta vez», a resposta é «sim», mas talvez só passemos no exame de condução à quinta tentativa. O pêndulo respondeu corretamente, mas a pergunta não é específica.

PROCEDIMENTO

6. Depois de fazer a pergunta, afaste a mão servidora da corrente.
7. Em seguida, coloque a palma da mão servidora debaixo do pêndulo. Faça o pêndulo descer suavemente até ao centro da palma aberta da mão servidora, tocando-lhe. Não deixe a corrente descair; mantenha-a esticada (ver mais abaixo). Segure nela durante alguns segundos e levante o pêndulo para o colocar na posição correta, a 10 centímetros da palma.



8. Agora, deixe o pêndulo oscilar livremente, para responder à sua pergunta, com um «sim», um «não» ou uma «abstenção». (Se a resposta for uma «abstenção», o pêndulo oscilará simplesmente para trás e para a frente, independentemente do sentido da sua rotação para o sim e para o não.)
9. Depois de receber a resposta, concentre-se novamente na corrente. Com a mão servidora, comece na extremidade superior da corrente e vá passando o polegar

e o indicador por ela, nos dois sentidos, duas ou três vezes, dizendo «Obrigado, pêndulo, por me dares a resposta».

10. Deixe o polegar e o indicador da mão servidora repousarem sobre o pêndulo. Mantenha a posição, imóvel, durante 5 segundos (pode fechar os olhos, se quiser). Agora, afaste os dedos da mão servidora do pêndulo. Assim, conclui a leitura. Sem se mexer, tome consciência de que a leitura está concluída e tudo está em repouso.
11. Solte a mão servidora, afastando-a, coloque o pêndulo na bolsinha ou no pano de proteção e guarde-o.

Acaba de aprender o Procedimento da Radiestesia Clássica, base para todas as leituras e todos os diagramas referidos mais à frente, neste livro — e para onde quer que o seu pêndulo o leve. Familiarize-se com ele, até o fazer automaticamente. Pode sempre apoiar-se nele, para tirar o máximo proveito do seu trabalho com o pêndulo, esteja onde estiver.



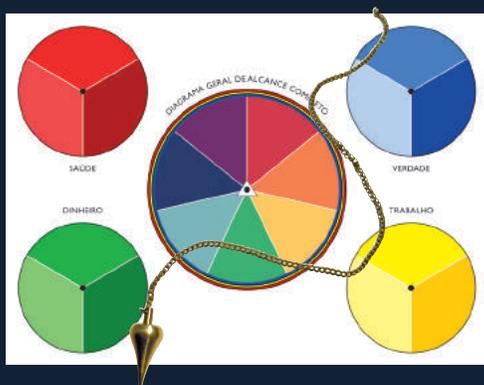
DESCUBRA O PODER DO PÊNDBULO

Qualquer pessoa pode aprender a utilizar um pêndulo. Esta ferramenta poderosa combina os dois lados do cérebro, funcionando como antena, tanto para nos ajudar a sintonizar com a nossa intuição, como para detetar as energias e vibrações que as pessoas, os objetos e os locais emitem.

Com exercícios práticos e diagramas de radiestesia, acompanhados de instruções passo a passo, este *kit* contém tudo o que precisa para começar. Faça os exercícios simples para aprender a interpretar os movimentos do pêndulo e para determinar as suas respostas afirmativas e negativas — em seguida, experimente as suas diversas aplicações. Utilize o pêndulo para:

- 🔮 responder a qualquer pergunta
- 🔮 tomar decisões
- 🔮 prever acontecimentos
- 🔮 identificar o seu parceiro ou emprego perfeitos
- 🔮 encontrar objetos perdidos
- 🔮 detetar água
- 🔮 descobrir tesouros escondidos
- 🔮 explorar a sua personalidade
- 🔮 equilibrar os chakras... e muito mais!

Inclui também um desdobrável com diagramas a cores, que conferem uma outra dimensão ao seu trabalho com o pêndulo. Quer utilize o pêndulo só para se divertir, quer o utilize também para obter orientações na sua vida, ficará espantado com os resultados.



CONTÉM:

- Manual com 160 páginas ilustradas

E A OFERTA DE:

- Pêndulo com corrente
- Desdobrável com diagramas de radiestesia a cores

**inascente**
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-16-6



9 789898 843166

Esoterismo